



Lugar Nenhum

ALÉM DO OLHAR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Lugar
Nenhum
ALÉM DO OLHAR

PROJETO DE GRADUAÇÃO EM CERÂMICA

JUAN ALBERTO CHI CORVALÁN

Porto Alegre

2009

Lugar Nenhum

ALÉM DO OLHAR

Juan Alberto Chi Corvalán

Projeto de graduação apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Bacharel em Artes Plásticas – habilitação em cerâmica.

Orientador:

Prof. Dr. Carlos Augusto Nunes Camargo

Banca Examinadora:

Prof. Ms. Rodrigo Núñez

Prof. Ms. Cláudia Vicari Zanatta

Porto Alegre

2009

Agradecimentos:

Este projeto final se concretizou no decorrer do curso com a ajuda de vários professores nas suas respectivas disciplinas. Mas meu agradecimento especial vai para o meu orientador Carusto Camargo, por ter acompanhado atento e sido decisivo em suas intervenções para que eu pudesse evoluir nesse trabalho.

Dedico este trabalho de graduação a minha mãe, por ter apostado em mim e por todo esforço e apoio para eu chegar nesta reta final e tão importante na minha vida.

I. INTRODUÇÃO.....	07
II. RELATOS DE UM PERCURSO.....	08
III. LUGAR NENHUM.....	12
IV. DIÁGOLOS ARTÍSTICOS.....	16
V. REGISTROS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA.....	17
VI. COMENTÁRIOS FINAIS.....	25
VII. BIBLIOGRAFIA	

I. INTRODUÇÃO

Posso dizer que o trabalho apresentado aqui mescla experiências de imagens e vivências do meu passado com minha visão da cidade grande, permeadas principalmente pela perda de minha cultura de origem, quando me mudei do Chile para o Brasil aos meus cinco anos de idade. Dialogo com a cultura gráfica do artesanato chileno e com os símbolos pré-colombianos e crio padronagens em placas de argila elaboradas a partir da impressão dos elementos gráficos presentes nas lixeiras e nos bueiros da cidade de Canoas, que estão na parte de fora das casas, dos edifícios, nos limites da propriedade. Busco a rudeza, a percepção de uma urbanidade marginal aos olhos do outro, crio um processo de trabalho externo ao ateliê, me coloco em situações de risco e aproprio-me das marcas urbanas na tentativa de resgatar o meu processo e me conciliar com meu presente, com minha situação de eterno imigrante.

II- RELATOS DE UM PERCURSO

Quando eu cheguei ao Brasil, na cidade de São Paulo, as imagens eram gritantemente novas para mim, luminosos gigantescos a piscar com luzes coloridas em cima de grandes edifícios, viadutos que passavam por cima de outros viadutos, grandes pistas com um grande volume de carros, arranha-céus com suas milhares janelas de vidro. A arquitetura antiga se misturava com o submundo da zona central, a praça da Luz com sua gruta que guardava seus mistérios. Foi um grande choque e ao mesmo tempo extasiante com tanta informação.

Não estou bem certo, mas creio que a herança formal da minha região do Chile com seus signos indígenas ou a minha vinda ao Brasil tenha influenciado diretamente no meu trabalho. Quando pesquisava sobre o muralismo chileno, na disciplina de História da Arte na América Latina, percebi que as cores fortes e chapadas da pintura e dos desenhos do muralismo se assemelhavam muito com as cores das vestimentas das Cholas¹ do norte de meu país e com a arte pré-colombiana, seus desenhos, esculturas e outros objetos. Imerso na cultura da minha região de origem, reelaborei na pintura o grafismo indígena popular do altiplano e percebi que este se assemelhava muito com o grafismo dos sulcos dos pneus dos automóveis. Imaginei que as estampas de tecidos que as Cholas usam para carregar os seus filhos, fossem feitas com estes desenhos, passei a esculpi-los em vasos e esculturas e elaborei uma série de impressões dos sulcos dos pneus em placas de argila e gesso.

No começo eu brincava com o grafismo dos sulcos dos pneus e inseria nas esculturas. A minha intenção era que esses desenhos parecessem símbolos pré-colombianos e buscava inserí-los nas esculturas que eu fazia. No final, ficavam com aspecto de urnas funerárias (que não era realmente a minha intenção), mas os desenhos dos pneus se fundiam com os símbolos pré-colombianos ou ao menos pareciam com aqueles símbolos. Ao mesmo tempo em que eu registrava com argila o grafismo dos pneus dos carros que eu encontrava, primeiramente no estacionamento da UFRGS e depois pelas ruas, eu também utilizava o gesso para registrar as marcas dos pneus que encontrava pelo chão, no barro ou na terra após às chuvas.

¹ nome dado aos descendentes indígenas vindos do Peru ou da Bolívia.



patriarcal.

...faço essas impressões com um certo medo pelas ruas da capital, por haver risco de me confundirem com um ladrão de automóveis. Sinto que estou transgredindo ao me apropriar destas marcas. Como se eu estivesse possuindo uma coisa que não me pertence. Faço as impressões sem pedir licença alguma e constato que o veículo do qual me aproximo não representa somente uma propriedade, mas um símbolo de poder, virilidade e uma disputa de representação social. O carro se torna uma verdade, um símbolo sagrado nesta sociedade



...sai pelas ruas depois das chuvas, procurando no barro ou na terra as marcas dos pneus pelo chão e as registro em placas de gesso. Desta forma, saí de meu terreno, de meu habitat, do meu cotidiano para pisar em lugares estranhos, como na vila dos "Planeta dos macacos"², local em que conheci Marcos, neto do fundador deste quilombo, que também me perguntou o que estava fazendo... e me relatou em seguida a vida do dia a dia e suas incursões nas artes plásticas.

No momento, registro com as placas de argila as marcas que eu vejo pelas ruas. Saio a procura de marcas que possam construir o meu trabalho e imprimo essas marcas na argila. A diferença que agora eu não só registro marcas de pneus de carros mas tudo que aparece e me interessa. Curiosamente nessas caminhadas percebi que as lixeiras são feitas de placas de refugos de industrias metalúrgicas e formam desenhos geométricos que lembram símbolos pré-colombianos. Eu registro estas marcas em primeiro lugar, por assim dizer, mentalmente, quando eu vou caminhando para faculdade ou quando eu passeio com meu cachorro. Meus olhos observam tudo: grades, bueiros, lixeiras, trincos de portões velhos, etc.

² nome pejorativo que as pessoas deram para uma vila localizada..., que foi oficializada alguns anos atrás em um quilombo pelo Governo Federal.

Ao prensar uma placa de argila mole sobre as marcas que escolhi previamente, obtenho o desenho positivo de seus vazados. Depois, elaboro as placas a partir da sobreposição de várias impressões até obter uma composição que recrie a estrutura visual da minha cultura de origem, que se assemelhe as padronagens do norte do Chile- o altiplano -e até mesmo de civilizações antigas (ex: Incas, Maias e Astecas). Faço o processo sobre as lixeiras, as tampas de ferro de bueiros, pneus ou objetos que tenham alguma textura que me interesse, que estão pelas calçadas ou no meio da rua, descartados, sucateados, abandonados, despercebidos. A distância entre as marcas contribui para minha futura composição devido a facilidade de locomoção. Às vezes a interferência no meu trabalho vem de uma vizinha que não está muito confortável com a minha presença mexendo na sua lixeira em frente da sua casa, ou de um vizinho que observa curiosamente meus movimentos com a placa de argila. Assim componho meu trabalho, observando e colecionando imagens para depois refazê-las com a interferência da rua, do momento e das pessoas.

O chão se torna um quadro de figuras abstratas, as paredes e muros tornam se grandes painéis de pintura. Tudo que eu olho vira uma composição, depois eu vou para meu atelier e preparo as placas de argila e saio a catá-las pela ruas, desejando que as repetições das linhas e dos desenhos que formam as composições nas placas de argila, copiadas, impressas nas ruas por onde passo, me remetam aos símbolos pré-colombianos.



Meus olhos observam tudo: grades, bueiros, lixeiras, trincos de portões velhos, etc.

Pensei que, não ia ter tanta dificuldade de acesso para imprimir as imagens pela cidade. Mas eu tive que mudar várias vezes de estratégia: Sempre tentava evitar passar mais de duas vezes no mesmo local; aonde tinha um movimento de gente ou de carro entrando e saindo em alguma casa, eu desistia de imprimir; troquei varias vezes de horário para imprimir, do dia passei para noite e da noite passei para o dia; os objetos que eu encontrava na rua, comecei a utilizar para imprimir seus relevos nas placas de argila, mas aí, já era dentro de casa. Eu sei que, para evitar maiores transtornos poderia simplesmente bater palmas e pedir licença para os vizinhos para imprimir nas suas lixeiras, com certeza me deixaria mais confortável e descansado, mas isto afetaria o andamento natural do trabalho. E muitas impressões que eu faço são decididas em segundos quase impensadas e outras eu aborto, por um movimento de alguém que está na frente de sua casa observando ou mudança de interesse. Tudo isto agrega no meu trabalho, até mesmo esse desconforto. Quando eu estou pressionando a placa contra lixeira, fico muito concentrado nesta ação, para ter o máximo cuidado da placa não se despedaçar. Eu posso ouvir ao meu redor as vozes e o movimento da rua, isto me faz ficar apreensivo e me faz apressar na execução, com o receio de alguém reclamar. Isto também acontece quando eu imprimo as tampas de ferro no meio da rua, e presto bem atenção se não vem algum carro na minha direção. A ação não pode ser demorada devido a temperatura do chão que faz rachar a placa de argila e os carros que estão em movimento na rua...sinto que o casal que saía do carro logo estacionado me observa atentamente, faço ações com meus braços batendo a placa na tampa do bueiro abruptamente, para que eles percebam que eu estava ali por algum motivo específico.

De alguma maneira sempre tentava recolher e copiar essas impressões que estão no meio da rua nos limites da propriedade. Buscava uma rudeza uma sensação de uma urbanidade marginal, mesmo que isto não transpassa-se no trabalho, mas era um jeito de linguagem que eu fazia para que transcorresse o trabalho.

III.LUGAR NENHUM



As lixeiras tornaram-se meu foco principal por que me fornecem um grafismo que se assemelha muito com a padronagem indígena. Quando pressiono as placas de argila sobre suas superfícies, consigo o positivo de seus desenhos e obtenho um resultado de relevo e definição das composições excelente, mesmo que eu sobreponha várias impressões.

Esse trabalho de catar imagens das lixeiras me lembra quando eu era criança e morava em frente ao parque marinha. Eu ia junto com minha mãe ao parque, na orla do rio Guaíba à catar e colecionar pedrinhas coloridas da areia do rio. A gente buscava as pedrinhas mais roliças, brilhantes e coloridas que continham desenhos interessantes. Junto com a natureza havia muita poluição e lixo na orla do Guaíba, que entristecia a paisagem tão bonita e formava um cenário surreal com: os dejetos do esgoto; o lixo domiciliar, hospitalar e industrial; animais mortos; poltronas velhas; bonecas quebradas; pneus, sacos plásticos e quanta coisa se podia imaginar dentro daquele rio. Uma cena me chocou bastante quando fui com minha mãe para orla, no meio das pedras do rio havia um filhote de cachorro morto sem as patas. Essa era uma constante, no meio daquele lixo, encontrar filhotes de animais mortos na beira do rio. Sentia uma sensação marginal, quando recolhia essas pedras. Aquele lugar era inóspito, não circulava quase ninguém e com o tempo tornou-se um local perigoso. Eu e minha mãe não tínhamos outra forma de divertimento e aquela natureza da orla do Guaíba, mesmo com todo os entulhos, trazia lembranças do Chile, do pacífico. Talvez por causa do sol que se punha para o oeste, ou pela areia mais grossa do rio. Naquele momento tínhamos recém chegado a Porto Alegre e ver aquele parque que tinha aos fundos a orla do Guaíba, era muito lindo para nós, que vivíamos socados em apartamentos no meio ao caos urbano, no cinza do concreto da Grande São Paulo. Uma cidade grande que dificilmente se apresentava com a natureza de Porto Alegre, apesar de essa natureza estar poluída. Mas mesmo assim, com toda essa interferência do urbano surreal com a natureza, no final do dia conseguíamos recolher e contar às pedras que tínhamos recolhido e apreciar a maravilha que era a natureza com seu por do sol.

Agora eu me vejo colecionando imagens pela cidade, resgatando e guardando mentalmente os desenhos das lixeiras ou dos bueiros que eu vejo pelo chão e assim vou formando composições, sobrepondo em minha mente os desenhos que eu vou colecionando pelo caminho. Quando eu saio a recolher essas impressões com as placas de argila nas lixeiras, no meio da rua, os olhares de desconfiança e estranhamento das pessoas me inibem um pouco, a mesma forma de desconfiança e curiosidade que causava nas pessoas que nos viam recolhendo as pedras sem valor numa orla cheia de entulhos e sujeira e de uma água poluída desse rio que era o Guaíba.

Entre colecionar imagens pelas ruas e pedras pela orla do Guaíba, existe um ponto em comum, que é o descobrimento do olhar das coisas que me rodeiam. Esse olhar estrangeiro de espectador, o olhar de quem olha de fora, que não se insere, que não está dentro do contexto, sempre me acompanhou por toda minha vida. Quando viemos para o Brasil, era uma vida de muitas dificuldades, de muita luta para a sobrevivência e minha mãe fez disso um mundo novo, repleto de lendas e “histórias” que faziam de minha infância um mundo de descobertas. A minha mãe me levava para passear pelas ruas, como não tínhamos familiares, dificilmente íamos visitar alguém e durante essas caminhadas ela inventava “histórias” e brincadeiras para me distrair, por que não havia dinheiro para o cinema nem para o parque de diversões. Minha mãe desde menina criou seu próprio mundo, como uma redoma ao mundo externo. Por ter tido sua infância muito carente e sozinha, cheia de dificuldades. E quando eu era criança me contava esse mundo para mim. Dizia-me que nós éramos descendentes diretos de uma princesa (minha avó) de uma tribo indígena, os Araucanos. E essa princesa tinha se apaixonado por um forasteiro (meu avô). Os dois teriam tido um relacionamento escondido e desse relacionamento tiveram um bebê (minha mãe). Passa-se um tempo e o forasteiro decide partir da tribo, mas a

Escolhíamos a passarela ou viaduto mais longo e imaginávamos voar por cima dos carros. Passar por cima dos carros para mim era muito bom, porque nunca tinha visto um viaduto na minha vida, e ver os carros passarem por debaixo de mim, era fantástico.

Na praça da luz existia uma gruta rodeada de água aonde as pessoas jogavam moedas e faziam pedidos. Não podíamos entrar na gruta, e minha mãe disse que muito tempo atrás, uma família tinha visitado a gruta, e um dos filhos tinha entrado e desaparecido num passe de mágica e nunca fora mais visto. A mãe dele ainda o procurava na esperança dele retornar um dia e por isso que a gruta estava com grades, para ninguém correr o perigo de desaparecer e ir parar no triangulo das bermudas.

O canhão que ficava na praça da luz, tinha participado numa guerra muito sangrenta e o soldado que atirava não retornou para casa e estava enterrado em algum lugar bem perto do canhão.

princesa foi proibida pelo chefe de sair da tribo. Então o forasteiro leva consigo o bebê e a avó da criança, uma curandeira que teria sido cega pela luz de um raio, decide abandonar a tribo para ir junto. Passa-se os anos e a criança cresce com os ensinamentos da velha curandeira. Nos fundos da casa do pai da menina, num quatinho escuro cheirando a ervas, repassava os ensinamentos da sabedoria dos seus antepassados e seus feitiços para a menina. Um dia a velha índia a chamou, estava deitada numa cama, olhou nos fundos dos olhos da menina e disse que ia partir, lhe entregou um amuleto e disse que toda vez que precisa-se dela, era somente ir para frente de um espelho e olhar nos fundos dos próprios olhos, por meia hora, que ela apareceria de dentro deles. Na hora de sua morte a criança podia ver a luz que saía do corpo da velha curandeira, que passava pelo recinto, saía pela janela e subia em direção as estrelas.

Quando eu viajei para o Chile visitei os meus tios, o irmão da minha mãe me comenta que nunca existiu uma curandeira indígena e muito menos que a família da minha mãe tivesse descendência indígena. Descobri depois que a minhas raízes indígenas não eram dos Araucanos, mas sim origens talvez Incas do Peru por parte do meu pai. E o nome Araucano que era dado para os índios do Sul do Chile, na realidade eram chamado de Mapuche, Araucanos foi o nome dado para os Mapuches pelos inimigos. Me decepcionei completamente, por que eu era completamente ligado com minha mãe e tinha idealizado um mundo dessas minhas raízes. Por toda minha infância tinha escutado as histórias da minha mãe, da sua avó curandeira indígena, e como os Araucanos no Sul do Chile, com as suas pratarias e suas comidas típicas, como o curantro e o chapalele.



Com todo este mundo, de histórias, personagens que nunca existiram (em certa parte), de uma terra que foi contada que eu nunca vivenciei, criei o meu próprio mundo. A impressões que eu faço nas placas de argilas me remetem a um mundo estranho, mas real, na medida que ele materializa-se na sua formalidade. Aquilo

que ninguém vê eu transformo em visível, e busco com o olhar atento sobre o cotidiano descobrir novas formas, como fosse um sitio arqueológico e eu estivesse escavando, desenterrando civilizações que já existiram. Estes mundos e civilizações é a inquietude da busca de um porto seguro para eu estar, já que

nunca estou, no sentido de me sentir sempre como um observador e não como participante.

IV. DIÁGOLOS ARTÍSTICOS



...meu interesse não é copiar a paisagem, mas sim se deixar tocar pelo ambiente para produzir um trabalho que tenha, como motor inicial, estas sensações: a convivência com o lugar, com as formas que estão ali.

Carlos Vergara

Na exposição Sagrado Coração, Missão de São Miguel realizada em 2007, Vergara elabora uma série de pinturas apropriando-se das texturas e formas presentes nas pedras das ruínas de São Miguel. Para o artista, as Missões são um espaço grandioso, repleto de uma experiência religiosa e política impressionante: “As pedras estão impregnadas dessa experiência existencial fortíssima, e, depois, foram impregnadas também da tragédia, do massacre”.

As pinturas impressas de Vergara se assemelham com as minhas composições, pela percepção do mundo que é transportado, retrabalhado e reinventado e que retratam o local, formando neste processo outras composições. Imagino, que em todo o momento da ação de Vergara, esteja presente o desconforto do transporte, o clima e o ambiente ao seu redor. Coisas que acontecem no meu processo também, no andar pela cidade, na coleta das impressões com as placas de argila. Com essas impressões Vergara retrata outra formalidade outro ângulo de olhar as missões da mesma forma que acontece no meu caminhar pela cidade, quando vou compondo os desenhos gráficos, dando uma outra conotação, além do olhar.



V. REGISTROS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

















V. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Chegar até aqui foi uma conquista comigo mesmo, por ter a certeza que o trabalho representa um pouco desse mundo que nem eu sabia que havia dentro de mim. Um mundo imaginário que se torna real e vivo. As histórias da minha mãe, a sua super-proteção, a troca de cultura e o desligamento das minhas raízes, fizeram de mim um espectador/observador com um outro olhar deste mundo. **Lugar Nenhum** se inspira no nome utopia (não-lugar)³. Esse não-lugar, apesar de não existir, se materializa quando elaboro as placas de argilas a partir da impressão das marcas e texturas que encontro pelas ruas, que me revelam, cores, texturas que me falam e se apresentam como se tivessem sido esquecidas em algum lugar. Esse processo de trabalho, me dá uma sensação como se eu estivesse buscando sítios arqueológicos pela cidade e desenterrando vestígios de uma civilização. A cada ação de impressão e a cada fornada das placas me surpreendia mais, como se eu estivesse chegando cada vez mais perto desta civilização perdida.

Exporei aproximadamente 20 placas de argila expostas em linhas horizontais. E placas quebradas estarão expostas numa mesa protegidas por um vidro.

³ “Do latim *utopia*, nome dado por Thomas Morus (humanista inglês, 1477-1535) a uma ilha imaginária, com um sistema sociopolítico ideal;” formado com o grego **ou-** (do adv. de “negação”) + gr. **topos**, ou ‘lugar’;”

VI. BIBLIOGRAFIA

<http://digao.bio.br/rizomas/democracia/152-o-que-e-utopia.html>

<http://www.babilonica.com/agenda.php?id=259>

<http://www.babilonica.com/agenda.php?id=405>

<http://www.carlosvergara.art.br/pt/exposicoes/saomiguel2008/>